

## JOSÉ LINS DO REGO, MEU PAI

Elizabeth Lins do Rego

Antes de mais nada, em nome da minha mãe e de toda minha família, quero agradecer à Fundação Joaquim Nabuco, principalmente a Fernando Freyre, ao Governo do Estado da Paraíba e à Universidade Católica de Pernambuco, essas tocantes homenagens que estão sendo prestadas pelos 80 anos que José Lins do Rego, meu pai, estaria completando. Realmente, são homenagens que me têm tocado profundamente. Desejo inicialmente esclarecer que não sou professora nem conferencista, e que vou falar num tom muito coloquial. Pretendo falar de momentos da vida de meu pai, momentos por ele vividos, os quais presenciei e participei.

Não vou falar da sua obra, nem da sua infância, na Paraíba porque nesta semana a ele dedicada teremos um conferencista que abordará tais assuntos. O conferencista a que me refiro é Odilon Ribeiro Coutinho, aqui presente, que falará sobre José Lins do Rego e sua vida de menino de engenho. Odilon, menino de engenho também, da Várzea do Paraíba, que embora pertencendo a outra geração vivenciou os mesmos problemas, sentiu as mesmas carências do menino de engenho José Lins do Rego. Será sem dúvida uma brilhante conferência. Recentemente, li um trabalho de Odilon chamado *Perda e Reparação*, que achei um primor. Entre nós existe a cobrança para que largue um pouco outras atividades e se dedique mais a escrever, pois não se pode negar a nos dar um livro sobre as experiências e as vivências que tem. Não irei falar sobre a vida de José Lins do

Rego no Recife, porque ninguém melhor do que o mestre Gilberto Freyre, grande amigo, que com ele viveu no Recife, para fazê-lo.

Falar sobre a vida de um autor nem sempre é importante, geralmente, os críticos literários acham que o permanente é o texto do autor, é a sua obra. Concordo em parte, com eles. O importante, o que fica para sempre, é a obra do autor. Como ele vivia, o que fazia, são dados biográficos aceitos pelos críticos que ao estudarem sua obra, separam esses dois aspectos.

João Cabral de Melo Neto, em entrevista a *O Globo*, disse que o pessoal não devia interessar aos leitores, e sim o texto. Contesto um pouco essa idéia, porque desde a morte de meu pai venho recebendo inúmeras pessoas que desejam saber da sua maneira de ser, de como era, de como pensava. As pessoas se interessam pelo ser humano que foi e não só pela obra que escreveu. Sendo assim, não pude me negar a vir aqui dar esse depoimento, depoimento sobre o ser humano José Lins do Rego. \

Rachel de Queiroz, para assinalar os vinte anos de sua morte, escreveu um artigo para a revista *O Cruzeiro*. Sobre esse artigo, ela diz que, quando começou a escrever sobre José Lins do Rego, pretendia falar de sua obra, dos livros que admira, mas, de repente, esqueceu os livros e passou a falar do homem José Lins do Rego, de suas brincadeiras, de sua maneira de ser, de sua força, daquela natureza viva, daquele espaço geográfico imenso que ocupava com suas brincadeiras. E acrescenta que enquanto se lembrar com tanta nitidez assim, com tanta força, do homem, dificilmente ela poderá falar da obra sem ligar a pessoa dele, do amigo, à obra.

E sempre digo que enquanto existir um amigo de José Lins do Rego que o amou, que com ele conviveu, ele estará sempre vivo; assim como ele não morreu para mim, ele vive em cada amigo que deixou, porque ele foi um homem extremamente ligado aos amigos.

Agora, vou falar de José Lins do Rego, meu pai. Vou falar da minha lembrança mais longínqua. Dos 26 aos 35 anos; ele morou em Maceió com sua família. Era então fiscal de bancos, cargo conquistado pelo seu sogro, Senador Massa. Nesse período, eu era bem criança e não posso ter idéia muito nítida de um contato maior com ele, porque nas relações familiares dessa época, havia um distanciamento muito grande de pai para filha. No círculo familiar, não havia o diálogo que há hoje com a criança. Noto, porque tenho filha, tenho neta. E noto que a criança, hoje, é um ser muito valorizado no círculo familiar. Geralmente, tudo gira em torno da criança. Os pais, por mais ocupados que sejam, reservam tempo para momentos de lazer com seus filhos, para sair, para fazer programa.

A criança, atualmente, é respeitada, é escutada. No meu tempo, a criança não era escutada. Os adultos tinham uma vida à parte. A criança era bem cuidada, era tratada, mas não havia um contato, assim, tão direto da filha com o pai.

Isso é uma recordação minha, sem nenhuma queixa, sem nenhuma mágoa. E depois, realmente, vocês vão ver que não tive nenhuma razão de queixas. Conversando com uma amiga da zona açucareira de Campos de Goitacazes, Estado do Rio, falei que havia na minha infância um distanciamento entre filha e pai e ela vivendo na mesma época em que vivi, numa região de açúcar, tinha um pai que mantinha diálogo, que lia Anatole France, à noite, para as filhas.

Mas, nem todas as famílias tinham essa maneira de viver. Meu pai, não por falta de amor, nem de carinho, vindo de um regime patriarcal, de engenho, tinha um pouco daquele ranço, daquela formação machista da época. Ele não tinha um contato direto com as filhas, mas as amava muito. Lembro bem de uma confissão que fez, no hospital, ainda muito doente, sobre esse período, fazendo como que um balanço sobre a sua vida. Ele me disse que os anos mais felizes de sua vida foram passados em Maceió. E comecei a me questionar por que; e compreendi muito bem. Em Maceió ele era jovem, casado de pouco com uma mulher muito bonita, jovem também, sua companheira e amiga; tinha uma casa sua, ele que nunca teve uma casa, que sempre viveu na casa do avô, na casa das tias, nas pensões do Recife. Em Maceió, tinha um lar, uma casa e além de ter a sua casa tinha as filhas que nasceram nesse período. Foi também em Maceió que eclodiu o que estava em embrião dentro dele, a sua vocação de romancista. Lá escreveu *Menino de Engenho* e, sucessivamente, os outros romances.

Não vou falar muito da sua vida em Maceió, onde tinha um círculo de amigos da maior importância. Basta dizer que minha coqueluche, meu sarampo, foram curados por um poeta, Jorge de Lima; que Graciliano Ramos era dessa época de vida em Maceió, e também Aurélio Buarque de Holanda, que aqui dará seu depoimento sobre esse tempo tão importante na sua formação de escritor.

Agora, gostaria de ler uma carta inédita, escrita por meu pai em Maceió para Ian de Almeida Prado, escritor paulista, autor de *Três Sargentos*. Aliás, trouxe três pequenos textos do autor, para reforçar um pouco o que digo. Eu vou ler esta carta, se vocês me permitirem. É datada de 4 de maio de 1933 e diz o seguinte:

“Meu caro Ian de Almeida Prado, recebi sua última carta. Este Gilberto Freyre, de quem você me fala, é um meu grande amigo, de muito (. . . aqui há uma falha da fita). Com grande entusiasmo nos conhecemos desde 1923, quando chegava ele da Europa e de lá para cá sempre estivemos

juntos. É um grande, um temperamento que honra uma raça. Estou ansioso pelo livro dele. O artigo de Olívio Montenegro sobre seu livro eu agradeço. E Valdemar Cavalcanti irá escrever uma nota sobre os *Três Sargentos*. (Valdemar Cavalcanti morava em Maceió nessa época.) Esse rapaz tem 21 anos e é um maduro de senso crítico e de gosto. Ele se exaltou com seu livro, que é, sem favor, muito mais brasileiro que *Macunaíma* de Mário. O livro de Mário é admirável, mas está cheio de poses. Queria ler o seu segundo livro de que você me falou. E São Paulo, como vai? Por que este ódio contra nós do Norte? Tudo isso é injusto e doloroso.

Que temos nós a ver com as misérias políticas e os erros dos homens públicos do Brasil! Não sofremos daqui da mesma forma! Tenho grande vontade de conhecê-lo pessoalmente, meu caro Ian. É um motivo para gostar de *Menino de Engenho*, por ele ter me aproximado de um homem como você. Espero que você sempre me escreva. Um abraço apertado de José Lins do Rego''.

Fiz questão de ler esta carta para vocês sentirem o quanto ele era ligado aos amigos, o quanto os amigos o acompanharam a vida inteira e o quanto os amigos foram uma constante na sua vida. Ele não podia ser dissociado dos amigos. Quem escrever sobre José Lins do Rego jamais poderá deixar de falar em seus amigos.

Antônio Carlos Villaça, em palestra na Faculdade de Santa Úrsula, falou que se um dia alguém escrever sobre a história das relações das amizades literárias do Brasil, não poderá deixar de reservar um capítulo, capítulo muito importante sobre a amizade de Gilberto Freyre e José Lins do Rego, tal a importância dessa amizade, amizade de intercâmbio, de carinho, enfim, amizade da maior importância na vida de meu pai.

Agora, falarei da vida de José Lins do Rego, no Rio de Janeiro. Em 1935, mudou-se para o Rio, sem a família. Foi morar em uma pensão no Catete. Depois a família para lá embarcou no "ita", como se dizia mesmo. E eu me lembro até do enxoval que a minha mãe fez, dos vestidos de marinheiro, porque se ia para o Rio de Janeiro. Era uma aventura se ir para o Rio de Janeiro. Se me permitirem uma observação pessoal, sobre o escritor, quando fui para o Rio eu me beliscava à noite, pensando que estava sonhando, e dizia: eu devo estar sonhando. Eu menina ainda, achando que era um sonho ir para o Rio. Aquela coisa de nordestino, de provinciano que vai para o Rio.

Lá no Rio de Janeiro, e é esta a observação, o escritor José Lins do Rego acariocou-se. Isso é muito importante dizer, porque esse acariocar-se do escritor não implica em ele partir as suas raízes nordestinas, porque essas raízes nordesti-

nas ficaram muito bem plantadas aqui. Sobre isso eu faço a comparação dum ser que nasce, ligado pelo cordão umbilical à mãe e depois é como se esse cordão umbilical nunca tivesse sido cortado. Quero dizer, a mãe terra, a terra dele, a natureza terra, e ele era um homem tão telúrico, tão ligado à terra, saiu dessa terra, e a ela ficou preso a vida inteira e se alimentou de suas raízes. Era o sangue dele para criar, para escrever, era o sangue dessa terra nordestina.

Agora, o acariocar-se dele é muito importante, porque, realmente, chegando no Rio, passou a viver vida nova, adquiriu novas paixões, a exemplo do futebol, do seu Clube Flamengo. Eu me lembro de histórias muito interessantes dessa época. Mas, antes, queria falar que as relações pai e filha, as relações familiares que eram tão distantes quando criança, em Maceió; no Rio, com as filhas um pouco mais crescidas, houve uma espécie, assim, de diálogo, de aproximação. Ele passou a ter um contato mais direto com as filhas. Ele passou a conversar um pouco mais com as filhas. Eu me lembro de um fato muito interessante que demonstra essa ligação. Quando eu tinha mais ou menos de treze para quatorze anos, estudava em colégio de freiras, freiras muito repressoras. Basta dizer que cansei de fazer promessas para converter o homem José Lins do Rego, porque uma freira me dizia que era um perdido, um pecador, que escrevia livros indecentíssimos. Eu ficava ralada de vergonha. Fazia promessas para meu pai se salvar. Fiquei de joelhos horas e horas, sem comer balas, porque meu pai ia para o inferno, e chorava, e sentia muito. Essa freira, tão terrível assim, era minha professora de Português e me cobrava composições, eu era péssima escrevendo e honestamente, continuo sendo. Ela dizia para mim: você filha de um escritor, tem que escrever bem. E acrescentava, a menina traz as piores composições, isso não pode continuar. E eu num momento de muita agonia recorri a ele, como pai. Disse: olha, papai, isso não é possível, você tem que fazer uma composição para mim. Eu tinha que levar uma composição para essa freira. . . Ele muito prontamente foi para o escritório, terceiro andar de sua casa, e fez uma composição chamada "O pôr do sol", bem clássica e tal, e me entregou, e eu fui à escola com uma felicidade que vocês não podem imaginar. Entreguei à freira a composição e fiquei aguardando. Aguardando e dizendo: "desta vez, ela não me pega, estou feita". À tarde, ela voltou com a composição e disse: olha, a menina melhorou um pouquinho. Teve seis. Fiquei arrasada. Arrasada. Pois é. Voltei para casa arrasada. Papai chegou da cidade, vinha com sua roupa branca, engomada, que se usava na época, todo feliz, depois de suas andanças pelas ruas do Rio, e gritando exclamou: então minha filha, que nota tiramos. Seis papai. Este fato serve para mostrar como realmente havia uma relação boa entre pai e filha.

Eu gostaria, sem ser piégas, de ler uma crônica que ele fez, no Rio, na casa da Rua General Garzon, 10, casa essa comprada com o que sobrou do pouco de sua herança e graças também ao equilíbrio da mulher, porque a mulher foi, assim, a mola-mestra na vida dele. Ela tinha muito equilíbrio. Aquele homem

aluado, não sabia o que era dinheiro, recebia mesada diária para sair, era um pródigo. Não tinha capacidade de se administrar.

E eu sempre acho e gosto de dizer o quanto é importante na vida de um escritor, de um artista, o equilíbrio de uma mulher, uma mulher que permita ao criador poder criar e nos proporcionar suas obras. A mulher é de uma importância incrível. Concordo com as feministas que gritam tanto sobre a realização da mulher, e posso falar de cadeira, porque sou uma mulher profissionalizada. Trabalho. Mas, eu acho que a mulher que se propõe a ficar ao lado de um homem para ajudá-lo, a deixar que ele não pense nos problemas comezinhos do dia-a-dia e que dê a esse homem um equilíbrio necessário para criar, é digna dos mesmos louvores que o seu criador, que o seu marido. Quero dizer, ela participou de sua obra criadora, proporcionando a esse homem a tranqüilidade de poder criar. Acho minha mãe uma mulher muito equilibrada, nos problemas financeiros, ela era uma verdadeira ministra da Fazenda, não era Delfim Neto, de jeito nenhum. Muito equilibrada, como disse, conseguiu que o pouco que restou do dinheiro do marido fosse revertido numa casa. Uma coisa muito peculiar dele, era não dizer a minha casa, dizia a Garzon, 10, "vou voltar para a Garzon, 10", "como vai a Garzon, 10", "Como estão cuidando da Garzon, 10".

Aliás, no período em que viveu no Rio, na Garzon, 10, aconteceu um episódio muito interessante e para mim muito tocante. Ele tinha acabado de escrever *Os Cangaceiros*, quando a revista *O Cruzeiro*, resolveu entrevistá-lo, na época, já era um escritor consagrado. O motivo da entrevista se devia à publicação de *Os Cangaceiros*, em capítulos que seriam ilustrados com desenhos de Portinari. Então, ele foi fotografado e uma semana depois saiu a entrevista, uma belíssima entrevista. Esta foto existe na Fundação Joaquim Nabuco. Nela, ele está sentado com as duas filhas e a mulher. O repórter então, colocou que o escritor tinha duas filhas. Quando ele leu aquilo, ficou tão chocado, que redigiu um artigo, que guardo até hoje e que peço licença para ler, para verem como é tocante. Trata-se de um artigo inédito, foi publicado no jornal que ele colaborava na época, mas se perdeu no tempo e não foi colocado em livro algum. O seu título foi escrito em 1951: "As três Marias de meu coração".

"Publica *O Cruzeiro* de hoje magnífica reportagem sobre o meu próximo romance *Os Cangaceiros*. Mas, lá, aparece um lapso do repórter amigo que me deixou como se estivesse eu, nesta manhã gloriosa de outubro, roubado numa das minhas maiores riquezas. Fala o amigo, quando registrou a família do romancista em minhas duas filhas, como se não fosse pai de três Marias de meu coração. Lá faltava no grupo a mais velha das três, a que já me deu a maior fortuna deste mundo, a neta Cláudia, a que me chama de avô "Zé Lins do Rego" com a doçura de seus três anos e que são as graças que Deus cobriu de glória. O equívoco do re-

pórter me tirou a alegria da manhã. Senti-me mutilado, quase espoliado. A minha Maria Elizabete, ausente, me deixou como peixe fora d'água. A família, corpo tão rígido, que não permite o menor choque na sua estrutura. Três são as Marias de meu coração. Três que me chegaram como dádivas do céu. Quero-as ligadas a minha vida, ligadas tão profundamente para me sentir com força de ser criatura de Deus, sem mágoa e sem ressentimentos. Dito isto, meu amigo Gondim (Gondim que era justamente o diretor de *O Cruzeiro*), vamos ao romance que você andou a submeter às torturas de suas máquinas americanas. Ponha os meus nordestinos na rua, carcereiro de gaveta de aço. . .”.

Queria fazer aqui a ressalva de que ele nunca teve preferências. Ele sempre gostava de dizer isso, e isso está escrito em uma entrevista que um repórter fez a ele, perguntando qual de seus romances preferia. Ele respondeu que não tinha preferência por romance, que ele amava os romances e queria-os igualmente, porque os romances são como filhas. A cada filha, que eram três — Maria da Glória, Maria Cristina e Maria Elizabete — ele fazia com que se sentissem queridas igualmente. Ele não tinha preferência por filha alguma. Mas voltando a sua vida no Rio, gostaria de falar da rotina de seu trabalho, de como ele trabalhava. Ele era metódico na sua maneira de trabalhar. Esse homem tão desorganizado, tão aluado, tido quase como um *hippie* quando era estudante, *hippie* na concepção de hoje, trabalhava com muito método. Acordava com os passarinhos, bem cedo, subia para o terceiro andar de sua casa e ali começava a escrever. Com uma letra muito pequena enchia cadernos de colégio de artigos para vários jornais da época (*O Globo*, *O Jornal*, *Diário da Noite* e depois *Jornal dos Esportes*) ou então continuava os romances que estivesse escrevendo. Às 11 horas, descia. Devia estar com a vida ganha, pois não havia mais trabalho. Vestia seu terno sempre bem preparado, geralmente, branco. Usava-se muito branco naquela época. E depois de pronto, ganhava as ruas do Rio. Era um Rio tão diferente do Rio de hoje, era tão pouco hostil, era um Rio onde havia a Rua do Ouvidor e nela uma livraria, Livraria José Olympio, freqüentada pelos escritores da época, que faziam ponto lá. Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz, todos os escritores iam conversar na Livraria, trocar idéias. Imaginem se hoje se faz uma coisa dessas. E havia uma caixa na José Olympio chamada Marieta, que era uma espécie de secretária do escritor. Anotava recados, emprestava-lhe dinheiro, quando não tinha. Ele ia para a Livraria conversar, entregava os seus artigos e depois ganhava as ruas do Rio, nelas colhia material para escrever as chamadas “Conversas de Lotação”, que eram publicadas no jornal *O Globo*. Nessas “Conversas de Lotação”, registrava o seu dia-a-dia. Tinha amigos de várias gerações, os jovens amigos adquiridos no Rio, bem mais jovens que ele, podiam ser quase filhos, a exemplo de Odilon Ribeiro Coutinho, Tiago de Melo, etc. Almoçava na “Colombo” com seus amigos do esporte, do Flamengo. O Flamengo foi sua paixão.

Das "Conversas de Lotação", eu trouxe uma que ele escreveu e que nunca foi publicada em livro. Geralmente, as crônicas que escrevia no *O Globo* eram reunidas e publicadas em livro. Para dar uma idéia de como ele adquiriu o espírito carioca, nas crônicas, ele adorava uma brincadeira. O amigo João Condé era vítima de suas brincadeiras, porque ele, por exemplo, escrevia uma crítica a uma determinada figura, fosse um político ou fosse um médico que não tivesse agido bem, noticiava o acontecido e punha o dito na boca de João Condé. No dia seguinte, iam apurar com João Condé. João Condé criava inimigos, ficava alucinado, e ele fazia isso de gozação, para brincar mesmo. Vou ler uma crônica para vocês terem uma idéia. "Conversa de Lotação", em 13 de agosto de 1947:

"Tomei o carro em Ponte de Tábuas e como não houvesse outro passageiro, achei que podia trocar duas idéias com o motorista que me pareceu descontente pela vazante do veículo e o homem topou a conversa. A princípio quis consolá-lo, mais para frente pegaríamos novos clientes, mas o chofer sorriu para mim indiferente à sorte de seu velho Buíque 1935, qual nada, isso vai assim até à Praça Mauá. A freguesia já está escolhendo carro novo para lotação. Vou deixar esse negócio que não dá mais nada. A voz do homem puxava um pouco a raiva e, portanto, me coloquei para um canto, quando uma senhora muito gorda fez sinal para parar e o homem não atendeu. Não vale a pena. . . Conheço aquela cara. Trabalha no Edifício da Noite. A gente para o carro. Carrega aquele fardo e, quando chega no fim da viagem, vem com cara feia. Paga Cr\$ 5,00 com reclamações, porque o trinco da porta não abre. Prefiro rodar vazio. Mais para diante um cidadão alto e magro levantou o braço e o carro não parou outra vez. É um chato. Outro dia, me deu uma nota de duzentos para pagar a passagem e fez questão porque lhe dei dez pratas. Não paro para aquele cachorro. E como a palavra cachorro pudesse ter-me doído aos meus ouvidos, ele quis justificar, chamo de cachorro, porque é o que ele merece. Então, me dá Cr\$ 200,00 e ainda faz barulho. Ao chegar ao Largo dos Leões, o homem tomou pela Rua São Clemente. "É, não vou pela Voluntários, não, porque não quero parar para pegar um sujeito que todo dia a esta hora sobe ali, na esquina da Rua da Matriz, quando eu paro meu carro. É um tipo muito estúpido. Desde que faço lotação que acontece ele aparecer e sempre com palavrinhas contra a classe do chofer. O senhor está com medo! Olha, estou com dez (10) anos ou vinte (20) anos de praça e só matei uma galinha ali na estrada que vai para Campo Grande e arrancou com o carro para ganhar a Praia do Botafogo". Ouviu o apito do guarda, mas o homem rompeu as dificuldades e não mais me falou. Mas, quando pedi que parasse defronte do Cine Arte, ele me olhou com vagar, como se examinasse uma figura conhecida e me disse: o senhor não é o Zé Lins do "Esporte e Vida"? Confirmei a sua

descoberta e o homem sorriu para me dizer: o senhor não me deve nada, não; sou Flamengo, como nosso time está ruim, hein!”

São muitas histórias que os amigos costumam contar. Quando encontro com um amigo, ele sempre tem uma história para contar do homem Zé Lins do Rego. Um homem cheio de brincadeiras e, no fundo, triste, eu sempre achei que meu pai foi um triste com momentos de muita alegria. Ele nunca perdeu aquela tristeza profunda que de vez em quando fazia com que entrasse em momentos de depressão.

A paixão pelo futebol foi muito importante na sua vida. Ele deu muito amor ao seu clube, o Flamengo. Foi também Cartola, teve cargo de direção na CBD. Como dirigente, dizem que se comportou muito bem. Houve um fato em sua vida ligado ao esporte que o traumatizou muito. Em 1953, quando chefiou uma delegação para Lima/Peru. Ia, imaginem, como chefe da delegação de futebol, onde o técnico era Aymoré, disputar um sul-americano. Todos sabem como é o ambiente do futebol, jogadores revoltados, querendo ganhar, problemas de dinheiro, enfim, se essa delegação tivesse ganho, tudo teria corrido bem, não teria havido problema; mas acontece que foi um vexame, foi o “chamado fracasso de Lima”, e os repórteres esportivos, os ligados às crônicas esportivas, falaram mal da delegação e do próprio escritor. Ele sofreu tanto com isso que queria emigrar, queria ir embora do Brasil, queria refugiar-se no Chile, queria mudar de terra. Mas, passou rápido. Como todo ciclo tímico, como todo ser assim cheio de vida e de força, ele superou esse sofrimento que o futebol lhe deu.

Partindo do Rio fez as suas viagens à Europa. Em 1950, empreendeu a primeira de uma série de cinco. Nelas escreveu várias crônicas que posteriormente foram publicadas em livros — *Bota de 7 léguas*, *Viagens a Israel*. É importante ressaltar essas viagens, porque o homem José Lins do Rego, mesmo bem longe do Nordeste, em terras de Israel, em terras da Grécia, nunca esqueceu a sua terra nordestina; o sol do Nordeste, os passarinhos do Nordeste. Fazia sempre uma referência ao amor que sentia por sua terra, amor que ficou dentro dele, assim, marcando-o profundamente, amor pelos seus engenhos. A sua última viagem, fez muito doente. E não vou aqui falar, num momento de tanta alegria, num momento, assim de uma homenagem que me toca tanto, do sofrimento que foi o seu último tempo de vida. Embarcou muito doente, em 1956, e quando voltou foi para tomar posse na Academia Brasileira de Letras, na cadeira 25, cujo antecessor foi Ataúlfo de Paiva. Gostaria aqui de fazer uma referência a esse período final de sua vida que provou o quanto foi fiel a si mesmo. Na Academia, fez um discurso de posse que causou o maior transtorno, a maior celeuma. Basta dizer que a Academia Brasileira de Letras nunca teve por hábito pedir a um acadêmico, o seu discurso antes para aprovação. No discurso, como ele próprio disse, não podia se violentar, não podia elogiar um homem que nunca tinha lido sequer um

livro, que não gostava de poesia, que, enfim, era o irmão menor da ordem; como disse, Aaulfo de Paiva era um colibri, um homem de medidas, de maneios. Fez um discurso que considero honestamente uma obra-prima em termo de texto. Nesse discurso, assim falou de seu antecessor causando verdadeiro mal-estar entre os velhinhos da Academia. Ficaram revoltados, alguns deles. A partir de então, uma norma passou a existir na Academia: todo acadêmico teria de entregar o seu discurso antes para ser censurado, para saber se poderia ou não ser lido. O seu texto inspirou a censura acadêmica. Logo depois da viagem e da posse na Academia, depois de muito sofrimento, ele, no hospital, teve momentos alegres junto aos amigos que lhe foram muito carinhosos. A exemplo de Tiago de Melo, que esteve sempre ao seu lado.

Agora, eu gostaria de dizer que foi um pouco antes de morrer — na sua última melhora das que teve em seus três meses de hospital — ele me pediu uma folha de papel que estava ao lado, pegou um lápis e escreveu as seguintes palavras: “Tudo vai bem (ele querendo enganar-se a si próprio; ele que sempre se enganou até morrer de que não ia morrer) José (afirmando-se), a força e viva a Garzon, 10”. A sua casa, o que sobrou de seus engenhos. Foi a última palavra que escreveu.